

A força de um olhar diferente: uma reflexão sobre o papel humanizador do docente a partir das crônicas de Dostoiévski e Eliane Brum

Prof. Dr. Mauricio Bronzatto¹
Prof. Dr. Ricardo Leite Camargo²

Resumo

Considerando que o “saber olhar” é condição necessária para as relações sociais saudáveis e promotoras de saúde, refletimos neste texto de que forma o olhar do educador pode estar ajustado para promover transformações em si e no outro. Como elementos de reflexão, nos detivemos em duas experiências narradas por autores diferentes, distanciados pelo tempo e pela cultura de seus países, mas igualmente afetados por uma experiência comum: “o encontro com um *olhar diferente*”. Buscando dialogar com a narrativa destes autores (Dostoiévski e Brum) e a ação didática do professor, advogamos a necessidade de um olhar humanizador do docente, um olhar preñado de generosidade, deflagrador de atitudes correspondentes e que reverbere no educando e o mobilize para um olhar igualmente generoso.

Palavras-chave: Relação professor-aluno, educação moral e ética, generosidade, compaixão.

Um estilo de vida em que o indivíduo é constantemente exercitado a desviar um pouco a atenção de si forja um olhar mais apurado, penetrante, livre para poder enxergar muito além da imagem dada. E quem coloca os pés na realidade concreta desse estilo deixa de ficar apenas se procurando no outro. Expliquemo-nos.

Essas afirmações parecem-se muito com o que a jornalista Eliane Brum (2006), para quem “olhar é um exercício cotidiano de resistência” (p.188), classificou como “olhar insubordinado”, capaz de desvelar o extraordinário da vida que a rotina só faz encobrir. Trata-se de um olhar que rompe com o vício e o automatismo de se enxergar somente o que está posto, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio. Para que vejamos além do que o contexto tem nos programado a ver, somente uma proposta de insurgência, proclama a jornalista. Em sua opinião, olhar é um ato de silêncio, a partir do qual se apreendem as outras expressões do que somos.

Mas, numa época de incontinência verbal, o silêncio é visto como ameaça. Brum fala sobre uma experiência radical do olhar que realizou ao ser convidada para cobrir parte de uma travessia de um aventureiro brasileiro pelo deserto do Saara. Durante os apertos, conta que fez uma espécie de antijornalismo. Não buscou qualquer preparação que lhe desse uma sensação de segurança: conhecimento prévio da cultura local, da língua, da sobrevivência no deserto. Somente contou com a experiência de seus cinco sentidos para explorar o que tinha diante de si. Depois do que viu, voltou com imensos desertos na alma que receia nunca serem

¹ Professor da FAC São Roque, FIMI Mogi Guaçu e do Colégio Delta Nobre Mogi Mirim.

² Professor da área de Ciências Humanas da USP/ESALQ/LES; membro do Laboratório de Psicologia Genética/Unicamp; professor do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da FCLAr/Unesp.
Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 2 – nº 1 - 2011

preenchidos. “Olhar dá medo porque é risco. Se estivermos realmente decididos a enxergar não sabemos o que vamos ver” (p.192).

Brum garimpou a história do olhar de uma professora chamada Eliane Vanti e de um andarilho de nome Israel Pires, ambos moradores da vila Kephass em Novo Hamburgo. Israel, 29 anos, era “o enjeitado da vila enjeitada”, a imagem indesejada no espelho.

Imundo, meio abilolado, malcheiroso, Israel vivia atirado num canto ou noutro da vila. Filho de pai pedreiro e de mãe morta, vivendo em uma casa cheia de fome com a madrasta e uma irmã doente. [...] Escorraçado como um cão, torturado pelos garotos maus. Amarrado, quase violado, Israel era cuspidor. Era apedrejado. Israel era a escória da escória. (BRUM, 2006, p.22).

Com fome de comida, de afago, de lápis de cor; com fome de olhar, Israel um dia seguiu até a escola um menino de nove anos que lhe sorrisse na rua. Foi quando Eliane, a professora, o descobriu. Um espectro na porta da escola, quase desaparecido dentro dele mesmo.

Eliane viu Israel. E Israel se viu refletido no olhar de Eliane. E o que se passou naquele olhar é um milagre de gente. Israel descobriu um outro Israel navegando nas pupilas da professora. Terno, especial, até meio garboso. Israel descobriu nos olhos da professora que era um homem, não um escombro. (p.23).

Seduzido por essa imagem irresistível de si mesmo que, de forma inédita, o olhar da professora lhe refletia, “a cada dia dava um passo para dentro do olhar”. Sem que ninguém soubesse como, ele passou da porta ao interior da escola, depois à janela da sala de aula da 2ª série C, de onde desenhava com os olhos. Desconfiado a princípio, devagar “foi pegando primeiro um lápis, depois um afago” e, pouco tempo depois, “estava todo dentro do olhar da professora”. Logo se viu estampado nos 31 pares de olhos de crianças. Ganhou roupas, pasta e lápis de cor.

E, no dia seguinte, Israel chegou de banho tomado, barba feita, roupa limpa. Igualzinho ao Israel que havia avistado no olho da professora. Trazia até umas pupilas novas, enormes, em forma de facho. E um sorriso também recém-inventado. Entrou na sala onde a professora pintava no chão e ela começou a chorar. E as lágrimas da professora [que andava deprimida, de mal com a vida e também se descobriu importante nos olhos de Israel], tal qual um vagalhão, terminaram de lavar a imagem acossada, ferida, flagelada de Israel. (p.24).

Essa crônica-reportagem, retirada da vida real, exemplifica bem do que um olhar compassivo é capaz. Ou, antes, a que singularidade de percepção do outro a compaixão pode chegar. Notemos que a professora vinha enfrentando internamente os seus limites: sua depressão e mal-estar existencial eram sintomáticos da impotência que a incapacidade de transpor obstáculos renovava a cada manhã. Quem está há muito tempo no magistério e já se frustrou um sem-número de vezes, se for honesto em o admitir, tem muitas dúvidas sobre se seu papel faz, de fato, alguma diferença para alguém. Mas a crise de Eliane dilata bem sua visão. Quando endereça um olhar a Israel, suas entranhas se enternecem e, logo, as janelas dessas entranhas, seus olhos, deixam ver um ser humano completamente diferente, que a compaixão foi capaz de reconstruir. O que Israel vê no olhar da professora é uma profecia a

Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 2 – nº 1 - 2011

seu respeito, um convite para reproduzir, doravante, aquele modelo novo de esperança que está sendo apresentado a ele. É um olhar de *devir*.

Quantos Israéis Pires há entre nossos adolescentes! As famílias estão abarrotadas deles. Nos bancos escolares, então, é bom nem pensar, não obstante tantos conteúdos programáticos, tantos projetos pedagógicos. Sem o essencial – olhos que enxerguem aquilo que, de fato, nossos adolescentes (e, por extensão, qualquer *outro*) são e precisam –, continuaremos, parafraseando uma expressão proverbial dos Evangelhos, como “cegos que guiam outros cegos”. A conseqüência? Deixemos que o escritor bíblico mesmo nos responda com outra pergunta: “Não cairão ambos no barranco?”³

O olhar verdadeiramente compassivo endereçado a terceiros (muito mais do que simplesmente piedoso) remodela, em quem olha, a imagem do outro que, neste, o infortúnio distorceu. E, nessa imagem, hétero-referenciada, o outro pode se manter em constante estado de transformação. Foi isso o que disse Paul Tillich: “Só podemos partir para a descoberta de nossa alma utilizando o espelho dos homens que nos olham”. Esse olhar, acreditamos, não pode produzir humilhação porque ele demonstra algo além do sentimento de pena⁴. Ele será tanto mais misericordioso quanto mais aquele que o endereça a outrem tiver tomado contato com os próprios limites.

O olhar ensimesmado, quando se desvia do eu, pouco mais faz do que capturar o que há de pior no outro, afinal que concorrente *lhe* pode ser maior? Na melhor das hipóteses, ao procurar identificação, pode não ir além de amar a si mesmo no outro. Por sua vez, quem um dia foi atravessado pelo infortúnio, pela dor e evitou que o coração, sob essa experiência, mergulhasse no desespero amargurado e na autopiedade doentia, entre outras coisas ganhou olhos para enxergar os seus próprios limites e sentimento para ser misericordioso com os alheios. Agora, sem ignorância acerca de si, despido da onipotência, pode desistir de algumas motivações enganosas que tinham vez quando o outro passava por seu crivo judicativo. Ato inspirados por convicções do tipo “eu nunca esperei isso de você”, quando o deslize do próximo acontecia bem a sua frente, acabam enfraquecidos, deixados de lado. Com essa relativização, encurta-se a distância que os julgamentos destituídos de misericórdia insistiam em manter, e o outro, bem como suas necessidades e direitos, acabam percebidos e acolhidos.

Fica patente que os aspectos singulares, penetrantes, inefáveis que os seres observados revelam encontram-se, antes de tudo, no interior de quem os observa. Damos razão a Saint-Exupéry (2003, p.72): “[...] só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos”. Em outras palavras, é preciso ter coração e toda uma vida interior remodelados para conseguir romper o bloqueio da visão que não enxerga mais do que a obviedade das coisas. As estruturas dos afetos precisam se expandir, lançar rebentos. Algumas experiências particulares precisam comparecer. Mas não é só isso: precisam participar da nossa história, virar convicção irremovível, se tornar princípio, se converter em vida, em compromisso, em paixão, em resolução, em projeto, em sonho e em obstinação. Do contrário, de nossa janela o mundo continuará apreendido com previsibilidade acinzentada.

Voltemos, agora, a atenção para os nossos jovens. Para além dos conteúdos programáticos, eles precisam de uma experiência encarnada com as virtudes. Precisam ser inseridos num ambiente de cooperação e respeito mútuo para que vejam sua moralidade e

³ Evangelho de Lucas 6.39.

⁴ La Taille (2002, p.84) mostra como quem está em situação de inferioridade não olha para quem está em situação de superioridade, mas é olhado por ele. Adviriam daí os sentimentos penosos de estar exposto ao olhar do outro, uma vez que o olhado se torna objeto para quem olha, ficando, portanto, em posição de vulnerabilidade. Sem discordar desse autor, apenas ousamos afirmar que o olhar de compaixão, no sentido como o estamos concebendo, e em consonância com Comte-Sponville (1995), é um olhar simétrico, não denota superioridade. Para ilustrar o que estamos dizendo, as crônicas “Eva contra as almas deformadas” e “O sapo”, presentes em *A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum (2006), são bons exemplos.

vida ética retomarem o desenvolvimento. No ambiente cooperativo, reproduz-se a vida das pessoas com quem se toma contato, apreendida pelo convívio, pela comum união. Os fatos têm cheiro, suor, sorrisos, lágrimas, descontroles, cacoetes. Já em outros ambientes, no máximo, aprende-se a biografia ou aspectos deformados sobre as pessoas. Sem o “contato que comunique”, o exemplo virtual, não obstante exuberante, pode não ir além de criar uma legião de fãs, que se contentam em remunerar com admiração aqueles que elegeram para os representar virtuosamente, ou seja, uns poucos para serem virtuosos em seus lugares.

Palavras continuam fazendo pouco mais do que convencer. É atrás dos exemplos que estamos, pequenos que sejam, mas efetivamente capazes de mobilizar. Pensando neles e em seu poder contínuo e estável de mobilização, é oportuno evocar aqui uma crônica de Dostoiévski (2004), *O mujique Mareï*, inscrita originalmente em seu *Diário de um escritor*⁵. O episódio que o texto relata ocorreu com o Dostoiévski menino, em agosto de 1831, em Daravoïe, cidade de sua infância. Portanto a crônica é autobiográfica.

O autor começa pela ocasião em que se achava detido numa prisão na gelada Sibéria, vinte anos depois do acontecido. É segunda-feira de páscoa; a vigilância quanto ao consumo de álcool está ligeiramente relaxada, e os presos, em sua esmagadora maioria camponeses, aproveitam a festa para se embriagar alucinadamente. A cada instante, injúrias e golpes violentos são trocados pelos cantos; canções obscenas são ouvidas por toda parte; diversas vezes já as lâminas das facas tinham brilhado. O narrador observa tudo com acentuada repugnância, ele que estava ali por um envolvimento com um grupo de idéias revolucionárias. Ao cruzar com um condenado político polonês, não pôde deixar de observar, estampados em seu olhar, a cólera e o desdém deste em relação à orgia dos camponeses. “Odeio esses canalhas!”, ouve-o murmurar.

O narrador retorna para sua caserna e cai numa espécie de torpor, abandonando-se ao fio de suas recordações.

Durante meus quatro anos de trabalhos forçados, lembrava-me incessantemente dos dias passados e acredito ter vivido minha vida uma segunda vez por essas recordações. Elas nasciam de si mesmas; raramente as evoquei com propósito deliberado. O ponto de partida era uma coisa insignificante, um traço por vezes imperceptível que, pouco a pouco, se desenvolvia em imagem, tornava-se uma impressão viva e completa. Analisava essas impressões, acrescentava novos toques a esta matéria vivida há tanto tempo e, mais ainda, eu a modificava e a corrigia sem cessar. Toda a delícia da coisa consistia nisso. (DOSTOIÉVSKI, 2004, p.180).

Os devaneios levam-no a um passado distante, quando tinha apenas nove anos de idade. As cenas voltam-lhe vívidas, matizadas, emolduradas: parece apreender os sons, as cores, os cheiros daquele tempo, prova do destaque que o evento que narraremos mereceu em sua razão e afetos. Num dia em que já se aproximava o fim das férias, sai para o campo e, deliberadamente, começa a se embrenhar na mata, de onde pode ouvir os gritos de um camponês em meio ao seu trabalho, afadigando-se com fazer o cavalo escalar uma elevação. O menino estava absorvido em quebrar varas de aveleiras para fustigar rãs e a procurar escaravelhos para a sua coleção. A diversidade da floresta que se lhe apresenta é capaz de inebriá-lo. De repente, em meio ao silêncio, percebe muito distintamente um apelo: “Ao lobo!”. Louco de horror, berrando com quanta força tinha, precipita-se na clareira em direção ao mujique que estava trabalhando.

⁵ No Brasil, parte dos escritos desse diário foi reunida pela Ediouro (RJ) e lançada sob o mesmo título. (Não se indicou no volume a data da publicação). A crônica em questão foi escrita em 1876.
Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 2 – nº 1 - 2011

Era o mujique Mareï, um dos camponeses de seu pai, um homem robusto de uns cinqüenta anos. O menino o conhecia, embora mal lhe tivesse dirigido a palavra até aquele dia. Ouvindo o grito do garoto, Mareï parou a égua e acudiu o menino, notando-lhe logo o terror. Assim que compreendeu do que se tratava, procurou logo acalmar o filho de seu senhor.

Pálido e todo trêmulo, o Dostoiévski menino se agarrava com mais força ainda à blusa do mujique, que se compadeceu do estado dele. Mareï estendeu a mão e subitamente lhe acariciou a face, dizendo:

– Vamos, está acabado, vamos. Deus seja contigo: faze o sinal-da-cruz.

Mas eu não me persignei; meus lábios estavam crispados nas comissuras e creio que foi isto que o chocou mais. Aproximou seu dedo grosso de unha negra, sujo de terra, e com doçura aflorou meus lábios convulsos. (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 182).

Depois de sentir o toque quase maternal do rude servo e perceber que tudo não passara de uma espécie de alucinação, embora o grito soasse-lhe tão real, decidiu retornar para casa, sendo seguido pelos olhos zelosos do mujique, até que desaparecesse no horizonte, não sem lançar olhadelas para trás a cada dez passos, às quais o homem respondia com um afirmativo aceno de cabeça. Um pouco envergonhado e ainda com medo do lobo, enquanto caminhava em direção a sua casa, sentia ecoarem, dentro dele, as dóceis palavras finais do velho: “– Vamos, vai, eu te seguirei com os olhos. Não deixarei que o lobo te apanhe! Vai, que Deus te acompanhe, vai” (DOSTOIÉVSKI, 2004, p.182). Já perto de casa, uma derradeira vez olhou para Mareï; não podia distinguir-lhe o rosto, mas sentia que o camponês continuava a lhe sorrir com a mesma doçura e que lhe fazia sinal com a cabeça. O menino, então, acenou com uma das mãos; o mujique acenou com a sua e voltou ao trabalho.

Bem depressa o garoto esqueceu Mareï. Daí em diante, quando encontrava o mujique, coisa rara, nada lhe falava, nem do lobo nem de coisa alguma. E eis que ali, naquela prisão siberiana, tudo isso lhe voltou de uma só vez à memória, com rara precisão de pormenores, vinte anos depois.

Era preciso, pois, que ele tivesse ficado gravado na minha alma, de maneira muito imperceptível, por si mesmo, e sem o concurso da minha vontade, para que a lembrança voltasse na hora em que dela necessitava. Revia o terno sorriso maternal do pobre camponês, nosso servo; recordava-me dos seus sinais-da-cruz, seus meneios de cabeça: “Como tu tens medo, pequeno!” E sobretudo aquele grande dedo, sujo de terra, com o qual, docemente e quase timidamente, ele tinha aflorado o canto da minha boca. Não importa que, certamente, falhasse ao tranqüilizar uma criança; mas esse solitário encontro revestia-se para mim de um sentido particular; tivesse eu sido seu próprio filho e ele não teria me olhado com expressão de um amor mais puro. Quem, entretanto, o obrigava a isso? Era nosso servo, e eu o filho dos seus amos; ninguém jamais saberia que me havia acariciado, ninguém o recompensaria por isso. Amava então a esse ponto as criancinhas? Alguns são assim. O encontro ocorreu em um lugar solitário, em pleno campo, e só Deus do alto do céu terá visto de que profundo e radioso sentimento humano, de que ternura quase feminina pode estar cheio o coração de um simples camponês russo, ignorante e selvagem, ainda preso à gleba e que nem mesmo entrevia a aurora da sua libertação. (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 183).

Retornando de suas recordações, subitamente, lançando um olhar em torno, o narrador-presidiário, com as entranhas enternecidas pela lembrança do episódio do mujique, pôde olhar para os outros condenados de maneira inteiramente diferente. Como que por encanto, toda a cólera dissipou-se nele. Poderia haver um Mareï dentro de cada um daqueles condenados embriagados. Como julgar o que ia no íntimo de cada um deles?

Note-se que o resgate de uma experiência marcante, privilegiadamente conservada, é responsável por permitir a Dostoiévski sair um pouco de si e se colocar no lugar dos infortunados presos que o circundavam. Ele passa a enxergar ali mais do que a superfície dos fatos estava mostrando.

Ainda naquela tarde, cruzou novamente com o polonês de olhar sombrio. Teve pena dele. Sem a lembrança de um mujique Mareï, deveria sofrer muito mais do que o narrador.

Esse evento ocorrido com o menino Dostoiévski mostra como a compaixão do camponês de seu pai o afetou de maneira duradoura e contribuiu para que esse valor ganhasse um lugar central em sua personalidade⁶. Esse sentimento nunca o abandonou e foi graças a ele que, vinte anos mais tarde, pôde desistir do asco que se insurgiu nele em relação aos prisioneiros e dar vazão à compaixão e à misericórdia. Houve conflito entre sentimentos, mas venceu aquele que se estabelecera como convicção inamovível no íntimo do escritor russo, fazendo verdadeiras as palavras de La Taille (2006, p.122): “Uma virtude, para ser dominante e com alto grau de constância, precisa fazer parte da personalidade”.

Olhando para esse evento, não conseguimos não pensar em muitas de nossas salas de aula contemporâneas: como elas se ressentem da ausência de um mujique Mareï! Alguém em condições de acolher a dor, o desamparo, o fracasso, o vazio e, por que não?, o direito de outrem. Alguém carregado de folclore, embebido de ‘causos’, com as unhas sujas de barro – um broto da terra, e por isso enraizado, capaz de enraizar outros, oferecer resistência contra o “lobo”. Sensível para interromper coisas importantes quando uma mais importante se lhe apresenta. Não determinadamente governado por regulamentos que não possa dar à vida sua necessária prioridade. Desprevenido e desarmado o suficiente das soluções prontas para conseguir dar espaço à espontaneidade. Escandalosamente livre da fermentação das questiúnculas passadas para escolher estender a mão quando os acontecimentos dão azo à vingança. Lucidamente resolvido em relação às recompensas e condecorações imediatas que o anonimato e desprestígio das pequenas mas imprescindíveis intervenções constantemente lhe recusam. Capaz de fazer caminhar – o menino terá que voltar sozinho para a casa –, embora guarde uma distância da qual poderá continuar encorajando. Apto a procurar recursos de enfrentamento no mundo dos sentimentos quando as respostas cartesianamente preparadas se mostram insuficientes. Quando não ri nem desdenha da situação do menino, acolhe o seu horror e começa um processo que o retirará da paralisação inicial.

Como, à semelhança de Dostoiévski, precisamos de um mujique Mareï que nos produza impressões perenes! Há tantos acontecimentos em nosso mundo e um número sem conta de pessoas que, sem muito esforço, são capazes de despertar o que há de pior em nós. Quão infelizes seremos se não tivermos um velho camponês, e tudo o que sua recordação

⁶ Pela biografia de Dostoiévski, podemos aquilatar o valor dessa experiência com o mujique Mareï. O escritor russo perdeu, ainda adolescente, a mãe, vítima de tuberculose. O pai era, além de médico, um senhor de terras e servos, de temperamento colérico. Não raro, aplicava homéricas surras nos filhos. Acabou assassinado numa emboscada preparada pela vingança dos próprios servos. Consta que Dostoiévski, embora nem de longe tenha participado dessa armação, em seu íntimo, aprovou a morte do pai. Ele iria, depois, até o fim da vida, procurar, das formas mais diversas, expiar essa culpa que dia e noite o atormentava. Em seu último romance, Os Irmãos Karamázovi, de acordo com alguns críticos, ele se multiplica em três irmãos legítimos e mais um bastardo numa tentativa de se reconciliar com a memória do pai. Carente de afetos em sua infância, em virtude da crescente enfermidade da mãe e da rudeza dos tratamentos do pai, esse episódio com o mujique da crônica mencionada se revestiu de singular importância para ele (ARBAN, 1989; DOSTOIÉVSKI, 2006; MORAIS, 2002; VIDAL, 1972).

evoca, para puxar pela memória. Sem a singeleza, a simplicidade, a humildade, a compaixão, o toque maternal tão privilegiadamente depositados em nossa personalidade por um ou muitos Mareïs, chafurdamos na amargura, no ressentimento, na retribuição vingativa (ainda que muitas vezes posta em ação pela indiferença fria, pelo isolamento) e distanciamos-nos, mais e mais, de um outro que não tem culpa se lhe faltou, em algum momento, o toque compassivo de um mujique com a mão suja de terra.

Resta que essa experiência tão bem significada volta, duas décadas mais tarde, ao então prisioneiro Dostoiévski e, em meio ao caos e à opressão daquela masmorra, funciona-lhe como uma clareira de luz, que lhe inunda a alma de um misto de gozo e placidez e furta-o à amargura que ameaçava embrutecê-lo. Ele pode agora oferecer, dentro de si, anistia àqueles prisioneiros e, quem sabe, até ensaiar uma aproximação compassiva⁷.

Se na pessoa de cada educador tivermos um mujique Mareï em potencial, nossos alunos terão uma oportunidade ímpar de serem semeados com conteúdos de personalidade, humildade, perseverança, simplicidade, compaixão, entre outros, a fim de que se abasteçam com recursos futuros para enfrentamento num mundo cada vez mais hostil e egoísta. Há muita fome e sede na terra: não de pão nem de água. Fome de gentidade, para usar um feliz neologismo do educador Paulo Freire, com o que se descreve a virtude dos que ousam desviar um pouco os olhos de si e colocá-los nas necessidades e carências do outro. Trata-se da qualidade daqueles que a vida tem ensinado a se libertarem de si mesmos. A maneira virtuosa com que os Mareïs costumam agir pode acender um facho enorme de luz no interior dos que com eles se relacionam, capaz de os ajudar a enfrentar as trevas (as próprias e as alheias) do azedume, da indiferença, da omissão, da crueldade e da intolerância.

Referências

ARBAN, D. (1989). *Dostoiévski*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo de Genebra*: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo e Barueri, Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRUM, E. (2006). *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago editorial.

COMTE-SPONVILLE, A. (1995). *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes.

DOSTOIÉVSKI, F.M. (s/d.) *Diário de um escritor*. Tradução de E. Jacy Monteiro. Rio de Janeiro: Ediouro.

_____ (2004). *Noites brancas e outras histórias*. São Paulo: Martin Claret.

_____ (2006). *Recordações da casa dos mortos*. São Paulo: Martin Claret.

⁷ No livro autobiográfico *Recordações da Casa dos Mortos* (2006), Dostoiévski detalha muitos acontecimentos dos quatro anos passados na prisão siberiana. A alguns dos detentos de quem conseguiu se aproximar chegou a alfabetizar, usando um exemplar do Novo Testamento que recebera a caminho do presídio. Muitos dos personagens de seus futuros romances, incluídos em sua vasta galeria de humilhados e ofendidos, foram gestados na prisão e tiveram naqueles rudes camponeses a sua grande inspiração.

LA TAILLE, Y. de. (2002). *Vergonha, a ferida moral*. Petrópolis, RJ, Vozes.
_____ (2006). *Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed.

MORAIS, R. (2003). *Dostoiévski - O operário dos destinos*. Campinas: Edicamp.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. (2003). *O pequeno príncipe*. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 48ª ed.

VIDAL, A. (1972). *Dostoievski*. Barcelona: Barral Editores.